

TERMINOLOGIA GEOGRÁFICA

continuação

- ASSENTADA** — Termo que, em alguns dos Estados do Brasil, na Bahia e Goiás por exemplo, designa um terreno plano no alto de um morro ou de uma serra. (B. de S.).
- ASSENTO** — Registado por A. TAUNAY e CÂNDIDO DE FIGUEIREDO, como brasileiro designativo da parte mais plana e mais alta de um monte; planalto; chapada. Em Portugal segundo informa FERREIRA-DEUSDADO, à pág. 69 dos seus *Elementos de Geografia Geral* usa-se o termo assentadas no sentido de planícies no cimo duma montanha. E SAID ALI, no seu *Compêndio de Geografia*, às págs. 16 e 17, tratando das várias formas que pode ter o cimo de um monte, escreve: “o cume arredondado ou cabeço; o cume pontudo ou picodente, agulha, ponta; o cume plano ou assentado, mesa (em abexim ambas), e o cume cônico, que é próprio dos vulcões. (B. de S.).
- ATALAIA** — Segundo informações de ANTÔNIO LOPES, do Instituto de História e de Geografia do Maranhão, assim se chama ali ao morro mais alto de uma serra, o seu viso mais elevado. (B. de S.).
- ATASCAL** — Lamaçal, atoleiro. Regista-o CARLOS TESCHAUER com uma citação de MONTEIRO LOBATO. Em Portugal se diz atascadeiro, atasqueiro. (B. de S.).
- BABUGEM** — Termo do nordeste, da Bahia ao Piauí, que apelida a vegetação herbácea que brota exuberante após as longas soalheiras, com os primeiros aguaceiros. O sertanejo também diz bubuge. O sertão que estava preto, na singela expressão do matuto, cobre-se com as primeiras chuvas de um tapete verde. (B. de S.).
- BAFUGE** — Nome que os pescadores do recôncavo baiano dão ao vento muito brando e intermitente. É certamente corruptela de bafagem, vocábulo português que significa aragem, sopro brando e interrompido, viração. (B. de S.).
- BAGACEIRA** — Lugar ao lado dos engenhos de açúcar, onde são depositados os detritos da cana moída, o bagaço, não só para que seque ao sol a fim de ser utilizado como combustível, mas também para alimentação dos gados. (B. de S.).
- BAGAGEM** — Carro de 2.^a classe da Companhia Ferro-Carril Pernambuco, que transporta simultaneamente cargas ligeiras e passageiros; o que no Rio de Janeiro se chama, com mais propriedade, bagageiro. (R. G.).
- BAIANO** — Além de nomear os filhos do Estado da Bahia, o mesmo que baíense, hoje pouco usado, mas freqüente no tempo da Independência, o substantivo baiano tem, no Brasil, acepção vária. No Piauí, diz Beaurepaire-Rohan, é sinônimo de caipira, tabaréu, e acrescenta: “É provável que se dê esse nome aos habitantes do campo, por serem considerados descendentes daqueles naturais da Bahia, que, depois da descoberta do território do Piauí, primeiro se estabeleceram nêle, e ali fundaram fazendas de criação”. Abdias Neves, à pág. 29 de seu livro “Aspectos do Piauí”, escreve: “No sul, todo nortista é baiano; no Piauí, até pouco tempo, era baiano todo sertanejo estranho à terra. (B. de S.).
- BAIXA** — Campo de cultura do capim de planta para fôrragem dos animais, em terrenos planos, baixos, úmidos, ou à margem dos rios para facilitar a sua irrigação, e daí a denominação vulgar de baixa de capim, até mesmo oficial, para a cobrança do respectivo imposto municipal. “Vendem-se dois sítios em S. José do Manguinho com grandes baixas plantadas de capim”. (Diário de Pernambuco n.º 95, de 1829). (F. A. P. C.).
- BAIXADA** — Terreno baixo, plano, ou um vale pequeno, ao pé de uma lomba, ou entre montanhas. AULETE registra o vocábulo como particularmente do Brasil. “Vitorino ficara caído na baixada, estorcendo-se nas convulsões da morte... Se quiser cana, vá cortá-la na baixada”. (Franklin Távora). (F. A. P. C.).
- BAIXÃO** — O mesmo que baixadão. O termo é muito usado no oeste da Bahia e no Piauí. (B. de S.).
- BALAEIRO** — Vendedor ambulante de hortaliças, frutas, etc.; quitandeiro. (R. G.).
- BALDE** — Paredão de terra, ou alvenaria que forma a represa para constituição dos açudes. (R. G.).

BALDO — Espécie de dique, ou barragem de terra, barro ou alvenaria, que forma as paredes dos açudes para represar as águas e evitar o seu espraimento nas épocas em que aumentam de volume. “O açude do Limoeiro ficou com o baldo destruído, de modo a tornar necessária a sua reconstrução” (*Relatório das Obras Públicas*, 1869). “Um baldo ou represa de terra, com cerca de 300 metros de extensão, sustenta as águas do açude de Vila Bela”. (Idem, 1880). (F. A. P. C.).

BAMBURRAL — Plantação de bambus (*Bambusa arundinacea*), bosque da mesma essência. — Nota — M. SOARES, 74, dá com esta acepção bambual, que C. DE FIGUEIREDO também regista; como bamburral este define — lugar alagadiço, que tem pastagens. CHERMONT, 10, para a Amazônia, insere como — lugar geralmente à margem dos rios, de densa vegetação, arbustiva, ou arbórea pouco alta, e entrelaçamento de cipós tal que se torna quase impenetrável. (R. G.).

BANCO — Além do significado bem sabido, tem esta palavra no sul do Brasil o de ilhota formada por aluvião no leito dos rios, às vezes coberta de arvoredos. No sul da Bahia é usado para designar o trecho de um rio muito declivoso, cheio de pedras e encachoeirado. O Dr. RUI PENALVA, proprietário no município de Ilhéus, que nos deu a informação supra, exemplifica-a com os chamados bancos da Vitória, da Pedra, dos Cachorros e do Alto, existentes no rio da Cachoeira, que banha o mesmo município e o de Itabuna (Bahia). (B. de S.).

BANCO D'ÁGUA — Segundo refere GASTÃO CRULS em sua *A Amazônia que eu vi*, assim chamam na Guiana Brasileira a uma pequena queda d'água. (B. de S.).

BANGÜÊ — Os antigos engenhos de açúcar, pelo primitivo processo, ao ar livre, para os distinguir das modernas usinas, onde há o recurso ao vácuo, cujos produtos têm mesmo no mercado o qualificativo de açúcar de bangüê. (F. A. P. C.).

— I, ladrilho das tachas nos engenhos de açúcar, por onde corre a espuma que transborda com a fervura, quando se ajuda as caldeiras, ou quando o fogo é demais; II, a fornalha, e o terno das tachas assentadas sobre a fornalha, o complexo do aparelho do cozimento do caldo; III, trançado de cipós servido de varais para a condução do bagaço verde da moenda para a bagaceira. (R. G.).

BANHADAL — Segundo DARCI AZAMBUJA (*No Galpão*), ROQUE CALLAGE (*Vocabulário*) e PEDRO VERGARA (artigos de crítica à Onomástica no *Correio do Povo* de 15 de dezembro de 1927). E' banhado grande ou terreno alagadiço, vários banhados próximos. (B. de S.).

BANHADO — Terreno baixo, embrejado, alagadiço, não raro coberto de ervas que escondem a água subjacente. E' derivado do castelhano *bañado* usado com o mesmo sentido na Argentina, no Uruguai e no Paraguai. E' termo do sul do Brasil. A pág. 5 do *Quero-Quero* de ROQUE CALLAGE, lemos: “não mudou ainda (o quero-quero) a sua vida, não mudaram ainda os seus hábitos de atalaia intempestivo dos banhados e dos plainos desertos. (B. de S.).

BANQUEIRO — Regionalismo nordestino que designa o operário que, nas engenhocas de fabrico de rapadura (também nos bangüês) se encarrega do trato da garapa nos diferentes tachos, onde a mesma é limpa e se reduz a mel. (B. de S.).

BANZEIRO — Termo que, na Amazônia, significa a agitação tumultuária das águas dos rios, que se embatem nas margens, quando passa a soberba porroca. Registram-no MOREIRA PINTO e RODOLFO GARCIA com este sentido. Definido este vocábulo no *Glossário anexo ao seu O Gororoba*, LAURO PALHANO escreve: “agitação causada pelos ventos ou pela passagem dos vapores nas águas quietas dos rios ou dos lagos. Neste último caso formam-se vagalhões tanto maiores quanto mais veloz é a embarcação”. Em Alagoas e outros Estados do Nordeste, assim se designam as ondas impetuosas também chamadas cavaleiros e marolas, segundo nos informa OTÁVIO BRANDÃO (*Canais e Lagoas*) — à pág. 85 neste sentido é justamente o contrário do que se usa em Portugal — mar que se agita brandamente. Informou-nos o Dr. PANDIÁ CALÓGERAS que, em Minas Gerais, também se usa com o sentido português — “águas banzeiras corresponde a águas calmas e a feição”. Ainda no norte se usa o vocábulo banzeiro para designar vento forte”. (B. de S.).

BARCA — Grande embarcação de passageiro e carga do alto São Francisco, movida a varas ou remos, e conduzidas por pilotos práticos e perfeitos conhecedores do rio, seus canais, cachoeiras e pedras que dificultam a navegação. Variam estas embarcações de 60 a 100 palmos de extensão sobre 12 a 16 de largura, com fundo de prato, tendo algumas delas um tódo na pôpa, coberto de palha ou capim, ou mesmo de madeira, com janelas e portas envidraçadas, para alojamento dos passageiros. FERNANDO HAFELD, que dá uma minuciosa notícia descritiva destas embarcações, menciona uma denominada Nossa Senhora da Conceição da Praia, com 112 palmos de comprimento, largura proporcional e 8 de fundo, consigna esta curiosa particularidade: Cada embarcação leva consigo uma buzina de chifre, concha grande marítima ou feita de fôlha de flandres, não só para anunciar a chegada quando se aproximam de qualquer pôrto, mas também para se cumprimentarem entre si na ocasião do encontro, sendo estabelecida e observada com todo o rigor certa superioridade, de sorte que as canoas e ajoujos devem salvar as barcas, porém estas soberbamente passam por elas e não respondem; as barcas entre si se salvam reciprocamente, bem como as canoas e ajoujos entre si observam a mesma cerimônia; enfim é uma algazarra que os barqueiros acham mui agradável". (F. A. P. C.).

BARCAÇA — Pequeno barco de navegação costeira, de transporte de gêneros diversos entre os portos do Estado e outros dos vizinhos, com um ou dois mastros, fundo de prato, armação de cavernas, camarotes internos na proa e pôpa, com escotilhas de descidas, para alojamento da tripulação, cobertura e embonos laterais, de pau de jangada, para manter o seu equilíbrio em marcha. Movidas a velas no mar e a varas, à entrada e saída dos portos, constitui um gênero de embarcação só conhecida desde o Ceará até uma certa parte do litoral da Bahia. A notícia mais remota da barcaça entre nós, consta do ataque do forte do Cabedelo, na Paraíba, em 1634, acometido por uma esquadilha de sete navios e seis barcaças, expedida do pôrto do Recife para semelhante fim. (F. A. P. C.).

continua